

O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE
Produção Didático-Pedagógica

2012

VOLUME I

1 IDENTIFICAÇÃO DA PRODUÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Título: LEITURA ORALIZADA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA LEITURA ORAL DE ALUNOS DE SALA DE APOIO À APRENDIZAGEM	
Autor	Janes Mara Berlatto
Disciplina/Área (ingresso no PDE)	Língua Portuguesa
Escola de Implementação do Projeto e sua localização	Colégio Estadual Eleodoro Ébano Pereira
Município da escola	Cascavel-PR
Núcleo Regional de Educação	Cascavel
Professor Orientador	Carmen Teresinha Baumgartner
Instituição de Ensino Superior	UNIOESTE
Relação Interdisciplinar	
Resumo	<p>Uma das questões que têm afligido professores, e principalmente os que atuam no ensino de língua portuguesa na Educação Básica, refere-se à leitura. Nosso entendimento é de que, embora a ação de ler configure-se como um processo complexo, que envolve conhecimentos e práticas de leitura, os alunos, ao concluírem o 9º ano da Educação Básica, devem ler com fluência textos escritos em língua portuguesa. Nessa perspectiva, propõe-se uma ação de intervenção pedagógica com foco em estratégias e atividades de leitura oral. Tem-se como objetivos, realizar uma intervenção pedagógica com foco na leitura oralizada de alunos do 9º ano que frequentam o Programa de Sala de Apoio à Aprendizagem. Especificamente, procura-se investigar a presença de dificuldades de leitura oralizada no grupo pesquisado; analisar os tipos de dificuldade diagnosticados; elaborar proposta de encaminhamento didático focalizando a leitura oralizada em sala de aula; realizar a intervenção em uma escola da rede pública estadual de ensino de Cascavel/PR, zona urbana. A metodologia vai se basear em uma relação do grupo de alunos avaliados a fim de diagnosticar os níveis de conhecimentos e as dificuldades de cada aluno. Através de textos escolhidos previamente pela pesquisadora, os alunos serão individualmente avaliados na leitura, em local escolhido para a coleta. O procedimento de coleta compreenderá a leitura oralizada feita pelos pesquisados, na presença da pesquisadora. Tal leitura será gravada em áudio. Após a conclusão dessa etapa, segue-se para a organização e análise dos dados coletados. Por meio do processo de análise interpretar os tipos de dificuldades</p>

	observados na leitura oralizada. De posse dos dados, será feito o planejamento das aulas, que compreenderão atividades de leitura oralizada, de contação de histórias, de dramatização, dentre outras dando-se prioridade à leitura.
Palavras-chave:	Dificuldades. Encaminhamento didático. Leitura oralizada.
Formato do Material Didático	
Público Alvo	Sala de Apoio à Aprendizagem

1.1 Apresentação

Uma das questões que têm afligido professores, e principalmente os que atuam no ensino de língua portuguesa na Educação Básica, refere-se à leitura. Essa temática pode ser considerada sob vários aspectos: a aquisição e seus processos, a compreensão, a interpretação, a cognição, os discursos e interdiscursos dentre outros, considerando-os isoladamente, ou em suas inter-relações. A esse conjunto acrescentamos a preocupação com a leitura oralizada, entendendo que se trata de um domínio necessário para o desenvolvimento da oralidade e da interpretação.

Nosso entendimento é de que, embora a ação de ler configure-se como um processo complexo, que envolve conhecimentos e práticas de leitura, os alunos, ao concluírem o 9º ano da Educação Básica, devem ler com fluência textos escritos em língua portuguesa. Nessa perspectiva, o presente projeto propõe investigar as dificuldades de leitura oralizada presentes em um teste de leitura aplicado a alunos do 9º ano que frequentam o Programa Sala de Apoio à Aprendizagem para, a partir desse diagnóstico, propor uma ação de intervenção pedagógica com foco em estratégias e atividades de leitura oral.

Tem-se como objetivos, realizar uma intervenção pedagógica com foco na leitura oralizada de alunos do 9º ano que frequentam o Programa de Sala de Apoio à Aprendizagem. Especificamente, procura-se investigar a presença de dificuldades de leitura oralizada no grupo pesquisado; analisar os tipos de dificuldade diagnosticados; elaborar proposta de encaminhamento didático focalizando a leitura oralizada em sala de aula; realizar a intervenção em uma escola da rede pública estadual de ensino de Cascavel/PR, zona urbana.

A partir do momento em que o indivíduo começa a compreender o que acontece a sua volta, a prática da leitura começa a existir devido o constante desejo

de interpretar e decifrar o sentido das coisas e com isso, perceber o mundo sob diferentes perspectivas, podendo relacionar a realidade ficcional com a que se vive.

Ler não é simplesmente decodificar símbolos e som, compreender e interpretar o que está sendo lido. Para Ângela Kleiman a leitura permite que o leitor apreenda o sentido do texto e isso não resulta na transformação apenas da decifração de signos linguísticos sem que haja a compreensão semântica dos mesmos.

A sociedade contemporânea se caracteriza pela busca do conhecimento e da informação e a educação do ser humano necessita enfatizar a leitura como sendo uma via de inclusão social e da melhoria para sua formação. Também, a leitura vai promover o resgate da cidadania, aumenta a autoestima no momento que promove a integração social e possibilita desenvolver e formar uma sociedade consciente através de um olhar crítico.

Dentro desse contexto, questiona-se: Como trabalhar a leitura oral com alunos no 9º Ano que frequentam o programa Sala de Apoio à Aprendizagem para que os mesmo possam entender que é através da mesma que vão adquirir maiores conhecimentos para a sua formação?

1.2 Material Didático

A intervenção pedagógica envolve alunos que frequentam a Sala de Apoio à Aprendizagem, e que têm baixo rendimento na leitura. Por essa razão, considera-se pertinente dialogar com a docente que atua nesse segmento, na escola pesquisada, para que se obtenha informações relacionadas ao perfil de aprendizagem desses alunos.

Segundo a professora Maria Ivani Mioranza (docente que atua na Sala de Apoio à Aprendizagem), através de uma avaliação para encaminhamento feita pelos professores regentes dos 9º anos, chegou-se à conclusão de que os alunos da Sala de Apoio de Língua Portuguesa encontram muitas dificuldades na leitura. Primeiro, quanto à prática oral, quase todos os alunos tem deficiência na entonação e ritmo. A pontuação não é obedecida, o ritmo é irregular, pois eles encontram durante a leitura, palavras que não conseguem decodificar, assim, momentos tem velocidade e momentos ficam tentando entender a pronúncia da palavra, ficando, uma leitura sem ritmo.

A acentuação também é um problema: palavras no pretérito mais que-perfeito, eles leem como futuro do presente. Outro problema são as sílabas tônicas, muitas vezes colocadas de forma incorreta, bem como a ausência das letras finais. Ainda quanto ao ritmo, muitos alunos têm a leitura silábica. Quanto à compreensão, os alunos têm muita dificuldade em guardar o que leram, em tirar a ideia central, tema, informações explícitas e implícitas.

1.3 Orientações Metodológicas

Ao trabalhar o tema “Leitura Oral de Alunos do 9º ano que frequentam o Programa Sala de Apoio” do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Eleodoro Ébano Pereira, e considerando as informações fornecidas pela professora regente, conforme explicitado anteriormente, aplicaram-se as seguintes estratégias de ação:

1. Diagnóstico dos níveis de conhecimentos e as dificuldades de cada aluno.

Através de textos escolhidos previamente pela pesquisadora, os alunos foram individualmente avaliados na leitura, em local escolhido para a coleta. O procedimento de coleta compreendeu leitura oralizada feita pelos pesquisados, na presença da pesquisadora. Tal leitura foi gravada em áudio. Após a conclusão dessa etapa, foi feita a organização e análise dos dados coletados.

2. Primeiramente foram ouvidas as gravações para conferir a qualidade do áudio. Na sequência, foi feita a audição rigorosa do material disponível em áudio, acompanhando-se o texto escrito, com o intuito de identificar o tipo de dificuldades na leitura oral, tais como: pausas, alongamento de vogais, silabação, pontuação, acentuação, truncamento de palavras, repetição, supressão, acréscimo de letra, de sílaba, de palavra, troca de letra, ritmo, fluência. Para a organização da análise, foram utilizados sinais de transcrição, seguindo-se parâmetros da Análise da Conversação, com adaptações feitas pela pesquisadora, para ocorrências próprias da leitura oralizada. A etapa seguinte foi a análise dos dados levantados.
3. Por meio do processo de análise pretendeu-se interpretar os tipos de dificuldades observados na leitura oralizada. Esse procedimento é relevante, porque influenciou na organização das estratégias de ação que serão desenvolvidas em sala de aula, na tentativa de superar as dificuldades percebidas.

4. De posse dos dados, foi feito o planejamento das aulas, que compreenderão atividades de leitura oralizada, de contação de histórias, de dramatização, dentre outras. Nesse processo, terá prioridade a leitura, embora também serão contemplados exercícios que envolvem a escrita e a oralidade.

1.4 Unidade Didática

1.4.1 Significados do ato de ler e da leitura

Para alguns autores, o ato de ler é extrair significados do texto e para outros, e atribuir um significado. Como uma definição geral de leitura tem-se, segundo Leffa (1996, p.10):

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é portanto reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo.

Como se percebe, o ato de ler é complexo e ao mesmo tempo uma atividade rica e envolve conhecimentos semânticos e fonéticos, ideológicos e culturais. É um processo que promove descoberta, uma tarefa desafiadora e lúdica mas ao mesmo tempo, assimila conhecimentos, faz o indivíduo refletir e interiorizar saberes. A leitura, mais do que decodificar signos, realiza a interação do texto com o leitor, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinadas.

A leitura depende das experiências que o indivíduo possui ao longo de sua vida e se desenvolve quando o indivíduo convive com o seu próprio mundo. Portanto, cada pessoa tem uma leitura particular de um mesmo texto e isso depende do seu conhecimento prévio (FREIRE, 1982).

Durante algum tempo na história da leitura, esta significava pronunciar em voz alta as letras que estavam grafadas em um papel. Teorias mais recentes admitem que o ato de ler é uma atribuição voluntária de sentido à escrita e a leitura

passa a ser entendida como sendo uma prática social (CHARTIER; HEBRARD, 1995).

A seguir, apresentam-se conceitos sobre leitura de acordo com diferentes autores e, Freire (1982, p.11) diz:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Como se percebe, o autor propõe uma concepção de leitura distanciada dos tradicionais entendimentos do termo e defende que a leitura se inicia no momento em que o indivíduo compreende o contexto em que vive.

Para Foucambert (1994, p.5), o ler significa: “Ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é”. O autor assim define a leitura como sendo a formulação de um juízo com relação à escrita no momento de explorar e questionar o determinado texto na busca de respostas textuais e contextuais, as quais geram uma ação crítica do sujeito no mundo em que vive.

Segundo Resende (1993, p.164), a leitura:

É um ato de abertura para o mundo. A cada mergulho nas camadas simbólicas dos livros, emerge-se vendo o universo interior e exterior com mais clareza. Entra-se no território da palavra com tudo o que se é e se leu até então, e a volta se faz com novas dimensões, que levam a re-inaugurar o que já se sabia antes.

Este autor também concebe a leitura como sendo uma possibilidade de abertura para o mundo e um caminho que leva ao conhecimento do leitor sobre si mesmo mais de forma mais aprofundada.

As palavras de Orlandi (1996, p.12), dizem que “ler não se resume a observar um texto como produto final, cujo sentido às vezes supostamente ‘oculto’ seja possível de ser apreendido em sua totalidade. Tampouco é objeto plano que progride em sua extensão”. O texto, ao contrário, para a autora, é um conjunto de sentidos que partem em diferentes direções com múltiplos planos significantes, sendo a unidade que permite ao indivíduo o acesso ao trabalho da língua, ao jogo dos sentidos e ao funcionamento da discursividade em suas condições de produção.

Assim, pode-se dizer que a leitura limita-se às idéias de compreensão e interpretação, como processos de instauração de sentidos que podem estar na dependência de diferentes gestos de interpretação, com diferentes posições desses sujeitos, com diferentes formações discursivas, distintos recortes de memória, podendo com isso, deslocar sentidos.

Conforme Orlandi (1983, p.20): "... a leitura é o movimento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, o a se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação".

Para que o indivíduo exerça sua cidadania e construa seu conhecimento a leitura é um dos instrumentos essenciais, ampliando o entendimento do mundo, propiciando acesso à informação e permitindo que a imaginação e a fantasia estimulem a reflexão crítica através da troca de idéias.

A leitura, portanto, na perspectiva discursiva de Orlandi (1996), deve considerar os aspectos relevantes, sendo o primeiro deles, de que sujeito e sentidos se constituem simultânea e reciprocamente, determinando-se historicamente. Outro aspecto liga-se ao fato de que o sujeito não interage com o texto, porque, isso acontecendo, poder-se-ia assumir sentido único a ele, mas com outros sujeitos inscritos no texto. O terceiro aspecto liga-se a diferentes e variados modos de leitura os quais indicam diferentes formas de relação com o texto, ficando a leitura submetida a efeitos e modos de leitura de cada segmento social e época.

Desta a forma, a leitura torna-se um instrumento do processo de humanização devido construir sentidos para as respostas pessoais e isso contribui para a edificação de um mundo mais humano, quando são levados em consideração as idéias, os sonhos, os sentimentos e a imaginação do indivíduo leitor ao fazer diálogo com os outros indivíduos.

1.4.2 Tipos de Leitura

Para que o educando possa entender os textos lidos, deve o professor identificar os diferentes tipos apresentados na vida escolar e social. De acordo com Bamberger (1986, p.56) a leitura pode ser:

- a) Leitura significativa que atribui sentido ao texto. A partir da leitura mecânica, produz-se leitura, chega-se a um nível mais aprofundado que exige mergulhos no texto.
- b) Leitura do significativo: tratando do texto

literário torna-se leitura reducionista ou limitada a esse tipo de texto. É leitura que acontece em sala de aula para atendimento das solicitações de feitura de resumo, identificação de idéia central ou tema, extração de mensagem. c) Leitura do estético: a mais adequada ao texto literário. Acontece não somente com base no que a obra diz, mas no como diz.

Necessita-se ter consciência que ler é mais do que decodificar símbolos escritos e a escola precisa colaborar na prática diária na ampliação do conceito que possui da leitura. A criança pode e deve fazer leituras mesmo antes de ser alfabetizada. Faz-se necessário colocar à disposição do aluno também linguagens não-verbais, para que assim o mundo da simbologia não seja ignorado por ele.

Segundo o autor (1986, p.61), a leitura pode ser assim classificada:

a) **Leitura sensorial:** explorar os cinco sentidos e a afetividade da criança através de maneiras diversificadas e em especial os livros de pano que são brinquedos que podem ser lavados, amassados, cheirados. O tecido é material de intimidade com a pele do homem civilizado.

Na criança, em particular, o pano atinge uma série de mecanismos de emoções, que manuseia o livro de pano, conversa ou conta uma história, ou então, o adulto conversa ou conta uma história e, a criança, manuseia o livro. A leitura é entendida como processo e a criança necessita passar por uma série de etapas a fim de vivenciar e desenvolver o gosto pela leitura.

A leitura sensorial compreendida como a primeira, deve ser vivida plena e intensamente. A criança experimenta e descobre o mundo através dos sentidos. O primeiro contato com o material de leitura ocorre através dos sentidos e para a criança não há conhecimento sem toque. Decorre deste princípio, proporcionar materiais para a exploração que passem pelos sentidos e percebe-se em experiências já vivenciadas que não só a criança, mas o adulto é sensível e age orientado pelos sentidos.

b) **Leitura visual:** explorar livros e revistas de imagens, objetos ou cenas individualizadas. Após imagens em sequência com diferentes ilustrações e impressões. O aluno gosta e tem sensibilidade para a imagem. Deve ser explorada em sua dimensão nos anos subsequentes (BAMBERGER, 1986, p.62).

A escola precisa rever seu lado essencialmente verbal escrito, sensibilizar para a imagem, pois não se vê só com os olhos, vê-se com o coração, com a imaginação, com braços e mãos, com o corpo inteiro. A criança, ao freqüentar a escola, se encontra inserida num grupo social e, neste ambiente coletivo estabelece

relações que se darão através da comunicação, que por sua vez, pode ser expressa de maneiras diferentes e, de início deve-se explorar a leitura através de imagens, por ser significativa para o educando.

c) **Leitura sonora:** o aluno faz e gosta de ouvir narrativas e o papel da família e da escola é o de garantir o espaço através da manipulação de livros, jornais, da leitura das ilustrações, do ouvir contar histórias. Precisa-as possibilitar a criança a tocar o livro, iniciar sua intimidade até que chegue realmente à leitura, não como doação do adulto mas como necessidade e direito (BAMBERGER, 1986, p.64).

Ao se desejar repassar valores a alguém, antes se deve vivê-los. Ao aluno, sentindo necessidade, deve-se proporcionar-lhe condições favoráveis para tanto. O professor deve vivenciar a leitura em sala de aula, devolver ao aluno a habilidade de ouvir. Com isso renasce o sonho, a fantasia, elementos necessários à aquisição do gosto e hábito de ler.

d) **Leitura informativa:** tipo frequente e genérico e sua principal motivação é a necessidade de orientação para a vida e mundo. A informação escrita merece confiança, torna-se mais fácil de lembrar e verificar. Tem vantagem sobre a informação audiovisual que só se apresenta através da televisão (BAMBERGER, 1986, p. 67).

A importância da leitura informativa explica-se pela extraordinária informação tanto para a vida pessoal quanto comunitária. E a orientação no uso correto da informação, a compreensão e interpretação, junto com a análise tornam-se elementos importantes no desenvolvimento da motivação para ler. A condição básica para o ser humano é estar informado. Sem a informação torna-se passivo frente aos fatos e o processo obriga a buscar, indagar e pesquisar.

e) **Leitura escapista:** satisfaz desejos, faz com que saia da realidade para viver num mundo sem responsabilidades nem limites. Há fuga para um mundo de sonhos, uma atmosfera, ilusão, uma sensação de bem-estar. A fantasia, o mundo do faz-de-conta é inerente à criança e surge da necessidade de experimentar poder e gosto pelo imaginário (BAMBERGER, 1986, p.68). Esta leitura através do imaginário idealiza a vida, busca no sonho o que a realidade não oferece.

f) **Leitura literária:** busca além da realidade, procura significado interno, reconhece o simbólico nos acontecimentos cotidianos. Quando se pensa em um leitor, vem à mente o literário, para o qual a leitura é experiência estética. Para se cultivar a leitura literária precisa-se lembrar de que oferece possibilidades suficientes

para que se possa desfrutá-la, de acordo com necessidades e métodos e cada leitor possui o seu (BAMBERGER, 1986, p.69).

Ler pode ser considerado um ato complexo, exige esforço e dedicação. A família e a escola devem trabalhar juntas em busca do ideal da educação. Através da leitura compreendem-se os fatos, argumenta-se frente aos mesmos, de acordo com os valores e a leitura literária dá essa possibilidade.

g) **Leitura cognitiva:** Tem a mesma motivação que a filosofia no anseio do conhecimento e compreensão de si e do mundo. A leitura cognitiva exige do intelectual do leitor, compreensão crítica e capacidade receptiva, mas não se limita à filosofia. A informação veiculada por um jornal pode provocar reflexão como provoca a literatura científica, religiosa ou pura (BAMBERGER, 1986, p.69).

Deve-se habituar o aluno a ler variados textos, pois quanto maior o contato com a tipologia textual, mais hábil vai ser a leitura cognitiva. Devido a isso que se pode falar em leituras possíveis e leitores maduros, e, a maturidade de que se fala aqui, não é a garantida constitucionalmente aos maiores de idade. É a maturidade de leitor, construída ao longo da intimidade com muitos textos.

Para Lajolo (1982, p.53), leitor maduro “é aquele para quem cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo o que já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida”.

O leitor maduro conforme Geraldi (1997, p. 92-98), assume as posturas ante o texto:

a) Busca informações: objetivo básico do leitor, definindo a interlocução que se está estabelecendo no processo da leitura, e outros objetivos definem o porquê de se estabelecer a própria interlocução; para que extrair informações? b) o estudo do texto; para especificar a tese defendida no texto; os argumentos apresentados em favor da tese defendida: os contra-argumentos levantados em teses contrárias; a coerência entre tese e argumentos; c) a leitura do texto como pretexto: pretexto para dirigir a aprendizagem ou para produção de textos; d) a leitura como fruição do texto: interlocução quase ausente, o ler por ler; e) recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio, o prazer, ponto básico para o sucesso de qualquer esforço de incentivo à leitura.

A escola que conseguir isso pode formar pessoas conscientes da necessidade da leitura como instrumento de aprendizagem e preparação para a vida.

1.4.3 Dificuldades de Leitura

A dificuldade de aprendizagem “é causada pela alteração nos neurotransmissores cerebrais, que impede uma criança de ler e compreender com a mesma facilidade com que o fazem as crianças da mesma faixa etária, independente de qualquer causa intelectual, cultura ou emocional”. Todo o desenvolvimento da criança é normal, até entrar na escola. É um problema de base cognitiva que afeta as habilidades linguísticas associadas à leitura e à escrita, segundo Jorm (1985, p.89).

O atual sistema escolar é desenvolvido para a maioria, que é não apresentar problemas de aprendizagem. Os alunos que não se encaixam nessa maioria ficam à margem de um sistema educacional que os exclui e os aprisiona. O reconhecimento das características precocemente, as consequências, as soluções e as adaptações pertencem à Educação.

As grandes dificuldades aparecem quando a criança começa a enfrentar temas acadêmicos mais complexos, as notas baixas e fraco desempenho escolar são características básicas na vida escolar das crianças que apresentam dificuldades na aprendizagem.

Manifestações de decepção, desaprovação, cólera, ridicularização, de humilhação por parte dos grupos a que pertencem, afetam mentalmente a autoestima dessas crianças e são humilhadas em todos os sentidos e por todos os grupos em que está inserida: pelos pais, irmãos, colegas e professores.

Com sua autoestima abalada, certamente podem desenvolver distúrbios de conduta: da agressividade à timidez intensa ou depressão, partindo daí para a marginalidade propriamente dita, para a delinquência é apenas um passo. Isso indica um desajustamento social com graves consequências para a sociedade como um todo e não existe orgulho nem satisfação em destacar-se na escola por problemas de aprendizagem, nem pelas notas baixas recebidas.

Zabala (1998, p.110) comenta as características da dificuldade de aprendizagem:

Leitura lenta sem modulação, sem ritmo e sem domínio da compreensão/interpretação do texto lido; confundir algumas letras; sérios erros ortográficos; dificuldades de memória; dificuldades do manuseio de dicionários e mapas; dificuldades de copiar do quadro ou dos livros; dificuldades de entender o tempo; tendência a uma escrita descuidada, desordenada e às vezes incompreensível; não utilização de sinais de pontuação/acentuação gramaticais; inversões, omissões, reiterações e

substituições de letras, palavras ou sílabas na leitura e na escrita, problemas com sequenciações.

Estas características podem ser observadas nas crianças com dificuldades escolares e se, se puder dissociar as dificuldades de ler/compreender e escrever corretamente à ausência de problemas intelectuais ou de outro tipo de problemas que possam apresentar estas características, e esses, são considerados erros normais dentro do processo de aprendizagem, precisa-se distinguir essas dificuldades das que são mais profundas, constantes e contínuas.

Crianças com expressivas dificuldades de leitura têm algum distúrbio e um diagnóstico precoce torna-se imprescindível para o desenvolvimento contínuo dessas crianças e reconhecer as características, é o primeiro passo para que se possam evitar anos de dificuldades e sofrimentos, induzindo esta criança ao desinteresse pela escola e a tudo o que está em torno dela, gerando às vezes, quadros quase-fóbicos, desta criança em relação a tarefas que exijam a leitura e a escrita.

Para Coll (1997, p.34):

Crianças com dificuldades escolares sejam qual for a raiz do problema, necessitam de educação, atenção e ensino diferenciados para que possam desenvolver suas habilidades, e quanto mais cedo for detectado o problema, melhores serão os resultados. É tarefa de todo e qualquer educador seja pai ou professor, ter como base ética o compromisso de ver desenvolver-se dignamente e efetivamente a aprendizagem acadêmica de seus educandos, buscando novas formas de aprendizagem, novos programas e processo de ensino, que possam colaborar para a inclusão destas crianças no mundo das letras, ajudando-as a sobreviver dentro deste único modelo de escola que aí se apresenta. Não se pode mais continuar contribuindo para que a sociedade padeça com as conseqüências que a desinformação dos problemas escolares promove, não se pode mais fechar os olhos e calar. Precisa-se urgentemente, lutar para que as informações e as novas formas de aprender cheguem dentro das escolas aos educadores e aos pais.

Entende-se necessário restaurar a dignidade humana em nível nacional, mas só vai poder ser feito, quando se compreender as graves conseqüências sociais que o insucesso escolar provoca, gerando uma relação inadequada entre estas crianças e o mundo. A palavra progresso não vai ter qualquer sentido enquanto houver crianças infelizes.

1.4.4 Leitura Oral

A leitura oral é entendida como uma atividade que envolve aspectos que se ligam de forma específica à compreensão do texto e servem para orientar aquele que ouve na construção da informação dada pelo texto escrito e isso envolve entonação e ritmo, além da recodificação. Estes aspectos fazem parte da fala e podem ser considerados uma forma parcial indicados no texto escrito (POERSCH; AMARAL, 1989).

A leitura oral, segundo Poersch e Amaral (1989), não recodifica apenas a passagem do signo verbal gráfico para o signo verbal oral tendo em vista o alvo dessa leitura ser um terceiro sujeito que está distante do leitor e do escritor e presente na pessoa do ouvinte, que é o próprio leitor. Este, ao fazer uma leitura oral exerce função de mediador entre o ouvinte e o escritor devido esse ouvinte só ter contato com o texto escrito frente signos orais e prosódicos captados e produzidos pelo leitor.

A criança que lê desenvolve o senso crítico e melhora sua escrita e para que isso possa acontecer, deve ter consciência que a literatura é um dos caminhos para que alcance esses objetivos. Portanto, torna-se imprescindível que o convívio com os livros extrapole o desenvolvimento sistemático da sua escolarização e que a literatura passe a ser difundida com maior intensidade nas escolas.

O trabalho com leitura oral em sala de aula ajuda o leitor a desenvolver padrões linguísticos pronunciando de maneira correta as palavras e permitir boa articulação, timbre de voz e entonação adequada, a pausa, a pontuação, além, de trabalhar o ouvir e o se fazer ouvir.

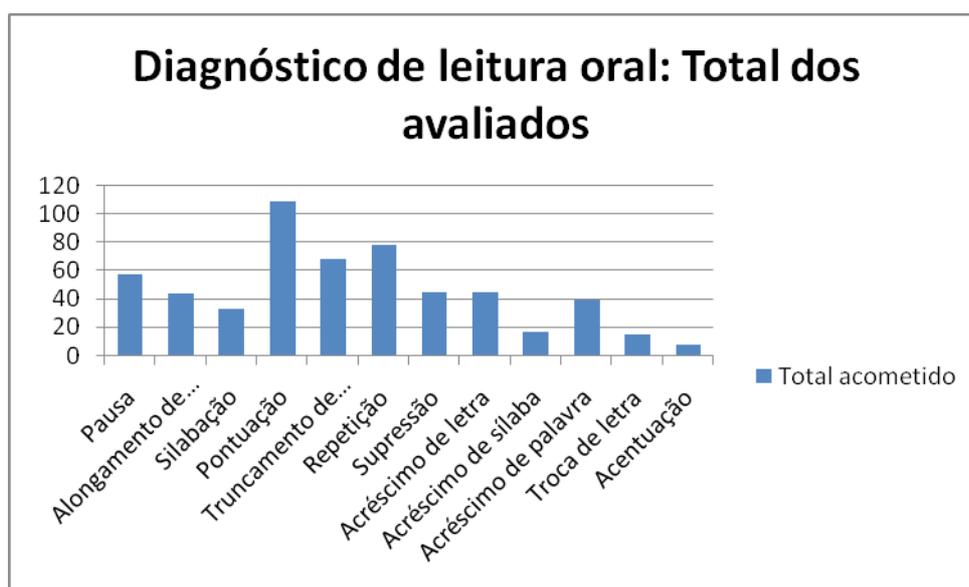
1.4.5 Atividades de leitura oral a serem desenvolvidas com os alunos

Para a elaboração das atividades fez-se antes um levantamento das dificuldades apresentadas na leitura oral pelos alunos, as quais estão expressas no quadro e nos gráficos a seguir.

Quadro 01: Categorias analisadas e número de erros correspondentes.

Categoria	Total de erros
Pausa	57
Alongamento de vogal	44
Silabação	33
Pontuação	108
Truncamento de palavras	68
Repetição	78
Supressão	45
Acréscimo de letra	45
Acréscimo de sílaba	17
Acréscimo de palavra	39
Troca de letra	15
Acentuação	8
Total	557

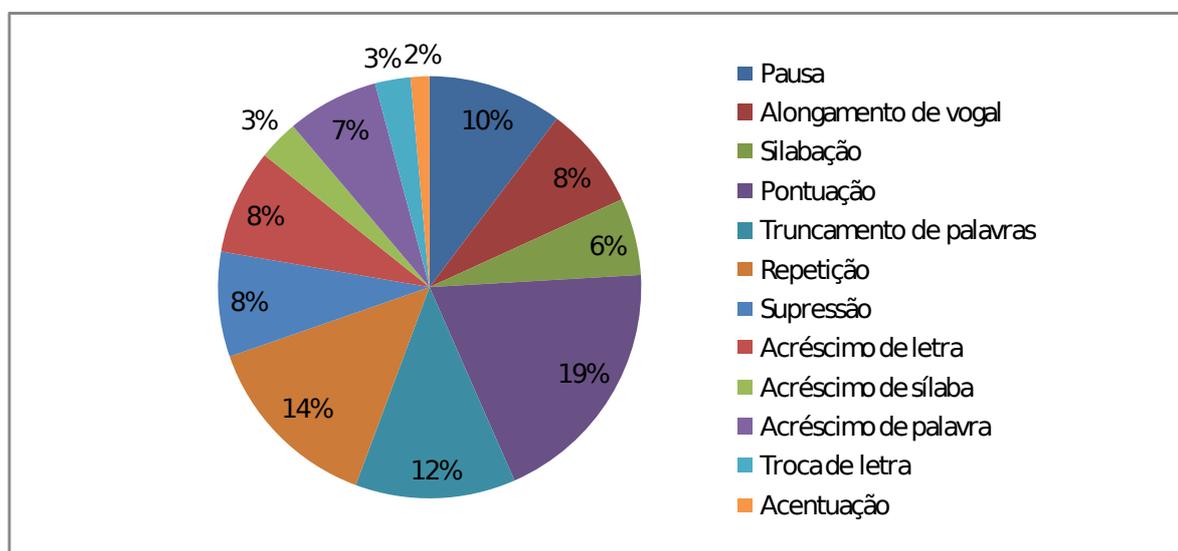
Gráfico 01: Distribuição do número de erros conforme as categorias



Os dados evidenciam que os alunos participantes da pesquisa apresentaram a pontuação como dificuldade predominante na leitura oral dos textos. No processo de oralização do texto, os alunos deixavam de fazer as pausas assinaladas pelos sinais de pontuação, ora faziam-nas quando não havia necessidade, gerando uma leitura truncada, com saltos, dificultando a produção de sentidos. Com base nesses resultados, a seguir fazemos algumas considerações sobre pontuação, e na

sequência sugerimos algumas atividades didáticas para serem aplicadas em sala de aula, especialmente no contexto da sala de apoio à aprendizagem.

Gráfico 2 – Percentuais correspondentes ao número erros por categoria.



1.4.5.1 Pontuação

A leitura deve buscar a fluência tendo em vista ter relação com a compreensão do que está sendo lido. Os aspectos que se ligam à pontuação estabelecem um olhar cuidadoso, mostrando-se essencial e seu importante papel na aprendizagem e no desenvolvimento da leitura e da escrita.

Com esta atividade, o aluno vai desenvolver a interpretação de textos observando a importância da pontuação para a sua compreensão. Esta atividade tem duração de três aulas de aproximadamente 40 minutos e é indicada para alunos que já sabem ler e interpretar textos mas que tem dificuldades na leitura oral.

Entende-se por pontuação, o sistema de sinais gráficos que se destinam a indicar na escrita as pausas. A pontuação oral não está subordinada à escrita, suprimindo algumas vezes a sua falta e, em outras, desprezando-a em benefício da expressão (CAMARA, 2006).

Quando o aluno lê em voz alta, necessita poupar o sopro respiratório e evitar a exaustão completa, libertando-se da torturante falta de fôlego. Para que isso possa acontecer, necessita da pontuação que lhe dá a oportunidade de renovar de forma constante a provisão de ar.

A pontuação também pode ser expressiva, quando se utiliza da interrogação, exclamação, reticências, parênteses, servindo assim, para indicar a modulação da voz.

Geralmente a voz se eleva depois de uma vírgula e desce no ponto e vírgula; não deve descer depois dos dois pontos, pois segue-se uma citação, uma explicação ou uma enumeração. Depois do ponto, a voz desce numa cadência perfeita, porque o sentido está completo; convém entretanto, não deixar cair no final das frases (CAMARA, 2006).

(...) As reticências interrompem uma frase, mostrando que as palavras não foram suficientes para transmitir todo o pensamento; a voz fica em suspenso.

-()- Os parênteses destacam uma ou mais palavras intercaladas numa oração e que devem ser pronunciadas com uma entoação diferente.

(-) O travessão, cuja função principal é a de indicar a entrada de um interlocutor nos diálogos, exige uma mudança no tom de voz.

Na pontuação expressiva não pode haver uma regra geral, a voz podendo subir ou descer numa exclamação, assim como nas interrogações que podem ser em cadência ascendente, descendente ou direta.

A duração das pausas depende da expressão; a sensibilidade e a inteligência é que devem ditar a pontuação e as pausas. Muitas vezes uma vírgula tem o valor de um ponto e este de uma vírgula, assim como uma pausa pode exprimir mais do que uma palavra.

A seguir, apresentamos algumas sugestões de atividades didáticas focalizando a pontuação na leitura oralizada.

Contação de histórias

Objetivo: Promover a imaginação criativa e a significação individualizada, por meio de uma leitura com significado, fazendo pausas, entonações e ritmos.

Atividade 1:

A professora conta uma história com expressividade, utilizando todos os recursos como: fluência, ritmo, pontuação, entonação etc.

- Questionar e discutir com os alunos os itens acima e também a importância dos gêneros na literatura como: lendas, contos, histórias de aventura, terror, romance. A linguagem do corpo também é uma forma de comunicação não-verbal e

liga-se aos gestos e à postura, expressões faciais, movimento dos olhos e aproxima locutor e interlocutor (WEILL; TOMPAKOW, 1973).

- Levar os alunos à biblioteca para leitura, escolherem os textos e levar para casa para leitura individual.

Atividade 2:

Cada texto deve ser lido calmamente. Primeiro é preciso dizer corretamente aquilo que se lê. Num segundo momento, depois de já se ler o texto com alguma segurança, deve-se tentar dar a entonação e o ritmo que parecerem mais adequados para cada texto.

- Formar grupos para escolherem o texto que será apresentado pelo grupo, sendo que cada aluno apresentará aos colegas seu texto.

Atividade 3:

-Depois de escolhida a história, cada grupo se organizará para a leitura do texto, distribuindo entre eles a fala de cada um.

- A professora deverá ir aos grupos para tirar dúvidas quanto à pronúncia e significado das palavras.

- Como a sala de Apoio tem como recurso fantoches, os grupos poderão utilizá-los na apresentação da atividade.

Atividade 4:

- Leitura e ensaio dos textos.

Atividade 5:

- Apresentação das histórias.

Obs: Com a autorização do professor de língua portuguesa, os alunos se apresentarão novamente nas aulas de 6º ano.

Roda de leitura

Objetivo: Incentivar os alunos a perceberem a leitura como uma atividade prazerosa, de apreciação das formas de expressão, e contribuir para a ampliação da visão de si mesmo e do mundo, pelo compartilhamento da leitura.

Atividade 1:

- Orientados pela professora, os alunos terão à disposição uma série de livros, dentre os quais selecionarão um para levar para casa por uma semana. Depois de lido várias vezes, deverão, em sala, apresentar oralmente o livro a seus colegas de classe.

Atividade 2:

- Durante a Roda de Leitura, a sala será organizada em círculo, para que conversem sobre a leitura realizada, troquem ideias e informações, indiquem o livro que leram para seus colegas, caso haja algum aluno com dificuldade de se expressar, a professora poderá perguntar ou complementar alguma observação para ajudar.

Análise dos recursos visuais e auditivos do poema “A Bailarina” de Cecília Meireles

Objetivo: Exercitar a expressão oral e a escuta por meio de declamação do poema.

Atividade 1:

A partir do poema lido, o professor explora as suas características: a subjetividade, a linguagem poética revelada nas palavras, no ritmo e nas rimas.

Apresentamos, abaixo, o poema “A Bailarina” de Cecília Meireles, uma das poesias analisadas com os alunos, disponível no sítio: br.geocities.com/waspzzzvolant/bailarina.html, a qual possui ilustrações e fundo musical que reproduzem os passos de uma bailarina.

- O professor poderá desenvolver esta atividade no laboratório de informática para os alunos lerem, visualizando estes recursos (ilustração e música). O objetivo com o trabalho de análise não é desenvolver um estudo teórico da poesia, mas, sim, de introduzir noções de como se compõe o poema, e de propiciar oportunidade de formular hipóteses de leitura a partir do tema proposto nas poesias.

A BAILARINA

Cecília Meireles

Esta menina
tão pequenina

quer ser bailarina.
 Não conhece nem dó nem ré
 mas sabe ficar na ponta do pé.
 Não conhece nem mi nem fá
 mas inclina o corpo para cá e para lá.
 Não conhece nem lá nem si,
 mas fecha os olhos e sorri.
 Roda, roda, roda com os bracinhos no ar
 e não fica tonta nem sai do lugar.
 Põe no cabelo uma estrela e um véu
 e diz que caiu do céu.
 Esta menina
 tão pequenina
 quer ser bailarina.
 Mas depois esquece todas as danças,
 e também quer dormir como as outras crianças.

Atividade 2:

- Leitura oral do poema por grupos de alunos.

Atividade 3:

- Atividade de análise do poema a partir das perguntas. Esta atividade pode ser desenvolvida oralmente, permitindo a participação de todos.

1) A menina do poema tem um desejo. Qual é esse desejo? Como ele é expresso no poema?

2) Qual é a idade aproximada dessa menina? Que palavras no poema sugerem que ela é tão pequenina?

3) A menina ainda não conhece as notas musicais, mas já faz os movimentos da dança. Quais são esses movimentos?

4) Há um momento em que a bailarina se compara a uma estrela. Em que versos isso ocorre?

5) Na última estrofe, a menina esquece as danças e quer dormir como todas as outras crianças. Como podemos interpretar o comportamento da menina?

6) A palavra roda é repetida três vezes. Que movimento é sugerido por esta repetição?

7) A dançarina roda, roda, roda, mas não fica tonta e nem cai. Por quê?

8) Mostrar aos alunos como é organizado o poema: estrofes e versos.

9) Introduzir o conhecimento de rima, para mostrar a sonoridade/musicalidade do poema:

- a) Há palavras que possuem no seu final o mesmo som: menina/pequenina/bailarina. Que outras palavras possuem sons semelhantes?
- b) Quais destes sons nos dão a ideia do movimento da bailarina?

Textos para memorização

Finalidade: Fazer com que o aluno atue observando: articulação clara das palavras, expressão corporal, memorização das falas.

Objetivo: Dramatizar a história contada.

Material: textos para memorização

Atividade 1:

- Distribuir os textos para os alunos para uma leitura prévia, observando a entonação das falas.

Atividade 2:

- Escolher os alunos para o papel do narrador e os personagens, leitura em sala de aula, observando todas as finalidades da atividade. O aluno levará o texto para casa para leitura e memorização.

Atividade 3:

Apresentação (será arrumado o cenário de acordo com o texto).

A seguir, os textos para a memorização e dramatização:

TEXTO 01:

O QUE É O AMOR?

(autor desconhecido)

Numa sala de aula, havia várias crianças. Quando uma delas perguntou à professora:

- "O que é o amor"?

A professora sentiu que a criança merecia uma resposta à altura da pergunta inteligente que fizera. Como já estava na hora do recreio, pediu para que cada aluno

desse uma volta pelo pátio da escola e trouxesse o que mais despertasse nele o sentimento de amor.

As crianças saíram apressadas e ao voltarem, a professora disse:

- "Cada um mostre o que trouxe consigo."

A primeira criança disse:

- "Eu trouxe esta flor, não é linda?"

A segunda criança falou:

- "Eu trouxe esta borboleta. Veja o colorido de suas asas, vou colocá-la em minha coleção".

A terceira criança completou:

- "Eu trouxe este filhote de passarinho. Ele havia caído do ninho".

Terminada a exposição, a professora notou que havia uma criança que tinha ficado quieta o tempo todo. Ela estava vermelha de vergonha, pois nada havia trazido. A professora se dirigiu a ela, e perguntou:

- Meu bem, por que você nada trouxe?

E a criança timidamente respondeu:

- Desculpe professora. Vi a flor e senti o seu perfume. Pensei em arrancá-la, mas preferi deixá-la para que seu perfume exalasse por mais tempo. Vi também a borboleta, leve, colorida! Ela parecia tão feliz que não tive coragem de aprisioná-la. Vi também o passarinho caído entre as folhas, mas, ao subir na árvore, notei o olhar triste de sua mãe e preferi devolvê-lo ao ninho. Trago comigo o perfume da flor, a sensação de liberdade da borboleta e a gratidão que senti nos olhos da mãe do passarinho. Como posso mostrar o que trouxe?

A professora agradeceu à criança e lhe deu nota máxima, pois ela fora a única que percebera que só podemos trazer o amor no "coração"!

TEXTO 02:

A diretora de uma escola telefona para o celular da mãe de um aluno:

Diretora de Escola:

- Esta já é a quinta vez que lhe convido para uma conversa sobre seu filho. E a senhora nunca veio ao colégio. Nem sequer em reunião de pais e mestres a senhora comparece.

Mãe de Aluno:

- Diretora, eu trabalho o dia inteiro; não posso me dar ao luxo de sair do meu serviço para conversar sobre meu filho. Eu vejo ele todos os dias em casa.

Diretora:

– Vê ele todos os dias, mas provavelmente quando ele está dormindo, né?

Mãe:

– Por um acaso a senhora está querendo ensinar a educar meu filho?

Diretora:

– De forma alguma. Na escola não existe a disciplina Educação Familiar. Isso é responsabilidade sua.

Mãe:

– A senhora está irritada só porque eu não costumo ir aí? Tenha calma.

Diretora:

– Eu não estou nervosa. O que sinto é indignação com sua displicência em relação a seu filho.

Mãe:

– Displicente, eu? Se algo está acontecendo com meu filho nas dependências da escola, a responsabilidade é da própria escola e não minha.

Diretora:

– Minha senhora, me perdoe pela sinceridade, mas eu e os professores não somos babás, muito menos de adolescentes. Além disso, todo o corpo docente da escola, assim como nossa coordenação e nosso psicólogo fizeram todo o possível para ajudar seu filho. Portanto, a senhora também tem que tentar ajudá-lo. Agora chegou a sua vez de agir.

Mãe:

– Diretora, neste momento estou trabalhando. Eu já disse que não posso ir aí agora.

Diretora:

– Mas a senhora está com tempo para ir ao abrigo para menores infratores?

Mãe:

– Como?

Diretora:

– Seu filho foi preso do outro lado da cidade vendendo drogas. O delegado insistiu para que ele desse o número do celular da senhora, mas ele não deu, alegando que a senhora não tem tempo para nada e, portanto, não iria tentar

resolver o problema dele. Como seu filho estava com o uniforme da escola, o delegado veio aqui para pedir que eu ligasse para a senhora e comunicasse a questão.

Mãe:

– (...)

Diretora:

– Senhora?... Está tudo bem aí?

Mãe:

– (...)

Diretora:

– Senhora? Senhora?

(Valdeir Almeida)

TEXTO 03:

O TOCO DE LÁPIS

(Pedro Bandeira)

Lá, num fundo de gaveta, dois lápis estavam juntos. Um era novo, bonito, com ponta muito bem feita. Mas o outro – coitadinho! – era triste de se ver. Sua ponta era rombuda, dele só restava um toco, de tanto ser apontado.

O grandão, novinho em folha, olhou para a triste figura do companheiro e chamou:

– Ô, baixinho! Você, aí embaixo! Está me ouvindo?

– Não precisa gritar – respondeu o toco de lápis. – Eu não sou surdo!

– Não é surdo? Ah, ah, ah! Pensei que alguém já tivesse até cortado as suas orelhas, de tanto apontar sua cabeça!

O toquinho de lápis suspirou:

– É mesmo... Até já perdi a conta de quantas vezes eu tive de enfrentar o apontador...

O lápis novo continuou com a gozação:

– Como você está feio e acabado! Deve estar morrendo de inveja de ficar ao meu lado. Veja como eu sou lindo, novinho em folha!

– Estou vendo, estou vendo... Mas, me diga uma coisa: Você sabe o que é uma poesia?

– Poesia? Que negócio é esse?

– Sabe o que é uma carta de amor?

– Amor? Carta? Você ficou louco, toquinho de lápis?

– Fiquei tudo! Louco, alegre, triste, apaixonado! Velho e gasto também. Se assim fiquei, foi porque muito vivi. Fiquei tudo aquilo que aprendi de tanto escrever durante toda a vida. Romance, conto, poesia, narrativa, descrição, composição, teatro, crônica, aventura, tudo! Ah, valeu a pena ter vivido tanto, ter escrito tanta coisa, mesmo tendo de acabar assim, apenas um toco de lápis. E você, lápis novinho em folha: o que é que você aprendeu?

O grandão, que era um lindo lápis preto, ficou vermelho de vergonha...

Jogral

Objetivo: Desenvolver a oralidade, por meio da expressão de textos memorizados.

Atividade 1:

- Explicar primeiramente o gênero poema. A seguir fazer a leitura de um poema, usando todos os recursos da declamação; na sequência distribuir os textos para uma leitura silenciosa e depois em voz alta.

Atividade 2:

- Solicitar aos alunos que elaborem as falas das estrofes, formando os grupos para cada texto.

Obs: Este momento será de duas aulas pra ensaio e orientação da professora para jogralizar os textos.

Atividade 3:

- Ensaio.

Atividade 4:

Apresentação do jogral (poesias), sendo a turma separada em grupos de quatro alunos. No grupo, cada aluno vai dizer uma frase da estrofe.

POEMA 01:

QUEM TEM MEDO DE DIZER NÃO?

(Ruth Rocha)

A gente vive aprendendo,
A ser bonzinho, legal,
A dizer que sim pra tudo,
A ser sempre cordial...

A concordar, a ceder,
A não causar confusão,
A ser vaca-de-presépio
Que não sabe dizer não!

Acontece todo dia,
Pois eu mesma não escapo.
De tanto ser boazinha,
Tô sempre engolindo sapo...

Como coisas que não gosto,
Faço coisas que não quero...
Deste jeito, minha gente,
Qualquer dia eu desespero...
Já comi pamonha e angu,
Comi até dobradinha...
Comi mingau de sagu
Na casa de uma vizinha...

Comi fígado e espinafre,
De medo de dizer não.
Qualquer dia, sem querer,
Vou ter de comer sabão!
Eu não sei me recusar,
Quando me pedem um favor.
Eu sei que não vou dar conta,
Mas dizer não é um horror!

E no fim não faço nada
E perco toda razão.
Fico mal com todo mundo,
Só consigo amolação.

Quando eu estudo a lição
E o companheiro não estuda,
Na hora da prova pede
Que eu dê a ele uma ajuda

Embora ache desaforo,
Eu não consigo negar...
Meu Deus, como sou boazinha...
Vivo só para ajudar...

Se alguém me pede que empreste
O disco do meu agrado,
Sabendo que não devolvem
Ou que devolvem riscado...

Sou incapaz de negar,
Mas fico muito infeliz...
Qualquer um, se tiver jeito,
Me leva pelo nariz...

Depois que eu estou na fila
Pra pagar o supermercado,
Já estou lá há muito tempo...
Aparece um engraçado...

Seja jovem, seja velho,
Se mete na minha frente,
Mas eu nunca digo nada...
Embora eu fique doente!

A gente sempre demora
A entender esta questão.
Às vezes custa um bocado
Dizer simplesmente não!

Mas depois que você disse
Você fica aliviada
E o outro que lhe pediu
É que fica atrapalhado...

Mas não vamos esquecer
Que existe o "por outro lado"...
Tudo tem direito e avesso,
Que é meio desconstruído...

Quero saber dizer NÃO.
Acho que é bom para mim.
Mas não quero ser do contra...
Também quero dizer SIM!

POEMA 02:

TREM DE ALAGOAS

(Ascenso Ferreira)

O sino bate,
o condutor apita o apito,
solta o trem de ferro um grito,
põe-se logo a caminhar...

— Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Mergulham mocambos
nos mangues molhados,
moleques mulatos,
vem vê-lo passar.

— Adeus!
— Adeus!

Mangueiras, coqueiros,
cajueiros em flor,
cajueiros com frutos
já bons de chupar...

— Adeus, morena do cabelo cacheado!
— Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Na boca da mata
há furnas incríveis
que em coisas terríveis
nos fazem pensar:

— Ali mora o Pai-da-Mata!
— Ali é a casa das caiporas!
— Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Meu Deus! Já deixamos
a praia tão longe...
No entanto avistamos
bem perto outro mar...

Danou-se! Se move,
parece uma onda...
Que nada! É um partido
já bom de cortar...

— Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

Cana-caiana
cana-roxa
cana-fita
cada qual a mais bonita,
todas boas de chupar...

— Adeus, morena do cabelo cacheado!
— Ali dorme o Pai-da-Mata!
— Ali é a casa das caiporas!
— Vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende,
vou danado pra Catende
com vontade de chegar...

POEMA 03:

MORTE E VIDA SEVERINA

João Cabral de Melo Neto)

(Jo

O meu nome é Severino,
como não tenho outro da pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria.

Como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.

Mas isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem falo
ora a Vossas Senhorias?
Vejam: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da Serra da Costela,
limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte Severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte,
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte Severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

Trava-Língua

Objetivo: desenvolver a dicção na leitura oral.

Atividade 1:

- Escrever no quadro um trava-língua e fazer a leitura, em seguida pedir para cada aluno ler. Após a leitura distribuir textos com trava-língua para que os alunos leiam primeiramente devagar, depois rapidamente, explicando que a leitura deve ser feita em voz alta, esforçando-se na pronúncia correta das palavras.

Atividade 2:

- Pedir para os alunos pesquisarem sobre trava-língua e trazer para a próxima aula um texto para apresentarem aos colegas.

A seguir, apresentam-se textos de trava-línguas:

Num ninho de mafagafos
Seis mafagafinhos há;
Quem os desmafagafizar,
Bom desmafagafizador será.

Um sapo dentro do saco
O saco com o sapo dentro
O sapo batendo o papo
E o papo cheio de vento.

Quatro pratos de trigo para quatro tigres tristes

O doce perguntou ao doce qual o doce
mais doce e o doce respondeu ao doce
que o doce mais doce é o doce de batata doce.

A aranha arranha a jarra, a jarra
arranha a aranha; nem a aranha arranha
a jarra nem a jarra arranha a
aranha.

O tempo perguntou pro tempo
quanto tempo o tempo tem.
O tempo respondeu pro tempo
que o tempo tem tanto tempo
quanto tempo o tempo tem.

O doce perguntou pro doce
Qual é o doce mais doce
Que o doce de batata-doce.
O doce respondeu pro doce
Que o doce mais doce que
O doce de batata-doce

É o doce de doce de batata-doce.

Disseram que na minha rua
 Tem paralelepípedo feito
 De paralelogramos.
 Seis paralelogramos
 Tem um paralelepípedo.
 Mil paralelepípedos
 Tem uma paralelepípedovia.
 Uma paralelepípedovia
 Tem mil paralelogramos.
 Então uma paralelepípedovia
 É uma paralelogramolândia?

Exercícios para melhorar a dicção

A seguir constam algumas sugestões de atividades para melhorar a dicção.
 Tais sugestões estão disponíveis em: <http://escoladeradio.com.br/website/?pageid=1003>

Atividade 1:

- Relaxamento da voz: Apoie o dedo indicador no seu nariz e vibre seus lábios por cerca de 1 minuto. Fique em silêncio por 30 segundos e repita três vezes.

Atividade 2:

Articulação: Articule bem o seu maxilar pronunciando abertamente as seguintes sílabas: mua, mué, mue, mui, muó, muo, muu. Repita a operação três vezes ficando em silêncio por 30 segundos entre as repetições.

Articule com bastante força as seguintes sílabas:

PRA, TRA, CRA
 PRÉ, TRÉ, CRÉ
 PRE, TRE, CRE
 PRI, TRI, CRI
 PRÓ, TRÓ, CRÓ
 PRO, TRO, CRO
 PRU, TRU, CRU
 CHA, NHÁ, LHA
 CHE, NHÉ, LHÉ

CHE, NHE, LHE
 CHI, NHI, LHI
 CHÓ, NHÓ, LHÓ
 CHO NHO, LHO
 CHU, NHU, LHU
 QUA, GUA
 QUÉ, GUÉ
 QUE, GUE
 QUI, GUI
 QUÓ, GUÓ
 QUO, GUO
 QUU, GUU

Atividade 3:

Ler um texto de aproximadamente 10 linhas. Depois, colocar um lápis ou uma caneta entre os dentes e ler novamente. Retirar o lápis ou a caneta e ler por uma terceira vez.

Atividade 4:

Ginástica Respiratória Inspirar profundamente. Em seguida, durante a expiração, recitar o verso: “O sol da perfeição é que ilumina os gênios”. Em seguida, tente repetir o mesmo verso duas vezes seguidas com o mesmo fôlego, a fim de controlar a respiração enquanto fala.

Atividade 5:

Exercícios de Ortofonia: Repetir as frases abaixo, pausadamente:

- a) Cabelos cobriam corpos cálidos, caídos em catadupas candentes.
- b) O capenga cangaceiro capengava na capoeira do cangaço.
- c) Em Erechim enderecem este bilhete a Henrique, que tem de exercer a eleição.
- d) O globo glacial conglomerava no Congo.
- e) O guloso guri, gulosava gulodices e a gurizada guturalizava nos gurupás.

f) O mameluco melancólico meditava e a megera megalocéfala, macabra e maquiavélica mastigava mostarda na maloca miasmática. Migalhas minguadas de moagem mitigavam míseras meninas.

g) O rato, a ratazana, o ratinho, roeram as rútilas roupas e rasgaram as ricas rendas da rainha dona urraca de rombarral.

h) Sófocles soluçante ciciou no Senado suaves censuras sobre a insensatez de seus filhos insensíveis. Suave viração do Sueste passa sussurrante sobre sensitivas silenciosas.

i) O acróstico cravado na cruz de crisólidas da criança areana criada na creche é o credo católico.

j) Um prato de trigo para um tigre, dois pratos de trigo para dois tigres, três pratos de trigo para três tigres...dez pratos de trigo para dez tigres.

Atividade 6:

Exercícios de articulação de vogais

A

- Arara na sala, jararaca na lapa.
- Macaca malhada cai na galhada.
- Ada vai à casa de Nana apanhar na chácara jaca e cajá.
- Mana Tânia e Mana Vânia estão na cama.
- Canta e dança em mansa chegada.

E

- A plebe em greve investe contra o mestre.
- Sete pestes em reles vestes crescem no leste.
- Celeste recebe cheques.
- Clemente demente está crente que é Tenente.
- Os negros do Quênia não têm dendê para o tempero, no desterro.
- Celene e Mercedes, gente de bem, recebem sempre presentes excelentes.

I

- Tia Mimi dividiu os siris de Tipiti com Bibi, Gigi e Guigui.
- Ouvi o iniludível quiriri do lírico idílico dos grilos e do zunir dos mosquitos.
- Íris e Lili foram à missa.
- O brinde continha cinco brincos.
- E assim, tim-tim por tim-tim, foi o fim dos quindins e dos pudins.

- Sim, vi Íris comer o rim do pinguim.

O

- Voltam os jogos jocosos, rolam os flocos formosos.

- Totó tem xodó pelo gogó da vovó.

- Após o monótono prólogo, vozes formosas solam.

- O lobo disse ao porco e ao macho que no poço afogou-se um corvo.

- Ivo Sólon comprou bombom de gosto bom no ponto do Leblon.

- O pombo tomba no lombo do corcel do cônsul.

U

- Meu urubu fez sururu.

- Zuzu deu uvas ao urso.

- Urus e urubus escutam cururus, surucucus e sucurijus.

- Que zum-zum por causa do atum.

- Comi tutu, chuchu na cabana do zulu.

- Vim dançar o Lundu.

As atividades acima elencadas têm como objetivo auxiliar o professor no trabalho em sala de aula. Como se trata de sugestões, fica a critério do professor fazer as adaptações conforme as necessidades dos seus alunos.

1.5 Referências Bibliográficas

ARTICULAÇÃO DE VOGAIS. Disponível em: http://escoladeradio.com.br/website/?page_id=1003). Acessado em: 02 de dezembro de 2012.

BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito da leitura.** São Paulo: Ática, 1986.

CAMARA, T. M. N. de Lima. **Pontuação: perspectivas e ensino.** Tese de Doutorado em Língua Portuguesa (UERJ), 2006.

CHARTIER, A. M. & HEBRARD, J. **Discurso sobre leitura: 1880-1980.** São Paulo: Ática, 1995.

COLL, C. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FREIRE, P. **A Importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1982.

GERALDI, J. W. (org). **O Texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.

JORM, A. F. **Psicologia das dificuldades em leitura e ortografia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

KLEIMAN, A. B. (org.) **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

FERREIRA, A. **Trem de Alagoas**. Disponível em: www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/p01/p010610.htm. Acessado em: 30 de novembro de 2012.

FOUCAMBERT, J. **A Leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LAJOLO, M. **Usos e abusos da literatura na escola**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

MORTE E VIDA SEVERINA. Disponível em: <http://poesia-aminhapele.blogspot.com.br/2007/12/morte-e-vida-severina.html>. Acessado em: 30 de novembro de 2012.

ORLANDI, P. E. **Estudos da linguagem**. Revistas Leitura Teoria e Prática Julho, 84 nº 1. 1983.

_____. Sobre os textos epistemológicos da AD. In: **Escritos**, n. 4, Campinas: Laboratório de Estudos Urbanos – Nucredi, Unicamp, maio/1999 – p. 7-16.

ORTOFONIA. Disponível em: www.mofas.com/como-melhorar-a-diccao. Acessado em: 02 de dezembro de 2012.

POERSCH, J. M.; AMARAL, M. P. do. **Como as categorias textuais se relacionam com a compreensão da leitura**. São Paulo: Veritas, 1989.

RESENDE, V. M. **Literatura infantil e juvenil: vivências de leitura e expressão criadora**. Rio de Janeiro: Saraiva, 1993.

ROCHA, R. **Quem tem medo de dizer não?** Disponível em: www.Revistaescola.abril.com.br/. Acessado em: 30 de novembro de 2012.

WEILL, P.; TOMPAKOW, R. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. Ed 18ª. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973

ZABALA, A. **A Prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

